



## **AS APRENDIZAGENS DE UM SUJEITO COM CARACTERÍSTICAS DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO ASSOCIADAS AO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE**

Carla Beatriz Kunzler Hosda – UFSM  
Caroline Leonhardt Romanowski - UFSM

**Resumo:** O presente artigo apresenta uma pesquisa acadêmica realizada como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria – Rio Grande do Sul. Esta pesquisa foi desenvolvida em 2011 e teve como objetivo geral problematizar questões referentes às práticas educacionais direcionadas para um sujeito com características de altas habilidades/superdotação (AH/SD) associadas ao transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) em seus contextos de aprendizagem. Logo, este artigo objetiva tecer reflexões a partir de um dos núcleos da análise dos dados, na qual se buscou realizar um levantamento das práticas educacionais direcionadas a um sujeito com AH/SD associada ao TDAH. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de tipo estudo de caso, e os instrumentos para coleta de dados delimitam-se em entrevistas semiestruturadas. Dentre os resultados alcançados, pode-se destacar que a partir de três realidades pesquisadas, algumas ações, características e concepções se convergem e outras se diferem conforme cada contexto, as quais serão mais bem especificadas ao longo do trabalho. Por fim, espera-se que esta investigação possa disponibilizar aos profissionais da educação e as famílias informações para melhor identificar, planejar, construir estratégias e minimizar a dicotomia diante das singularidades dos sujeitos com AH/SD associada ao TDAH.

**Palavras-chave:** Altas habilidades/superdotação. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. Aprendizagem.

### **Introdução**

Quando imaginamos ou caracterizamos alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD), na maioria das vezes nos referimos àqueles que apresentam um potencial superior e facilidade de aprendizagem, ou seja, um aluno que geralmente está acima das expectativas para a sua idade e escolarização.

Encontramos essas características evidenciadas na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), onde define que alunos com AH/SD são aqueles que apresentam potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse (BRASIL, 2008).

Contudo, em alguns casos um aluno com AH/SD pode também apresentar dificuldades de aprendizagem e até mesmo situações de fracasso escolar. Ourofino (2005) alerta que crianças que exibem dificuldades e ao mesmo tempo comportamentos inteligentes, podem ter indicativos de habilidades especiais, como a criatividade, mas também podem apresentar problemas relacionados ao transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH).

Esse paradoxo é chamado por alguns estudiosos da área como dupla excepcionalidade, que é a combinação de uma capacidade acima da média, múltiplas potencialidades, e possíveis desordens comportamentais ou emocionais (GUIMARÃES; OUROFINO, 2007).

É importante esclarecer que o termo dupla excepcionalidade é utilizado por pesquisadores para a coexistência de AH/SD e TDAH, assim como pode ser mencionado para diversos transtornos cognitivos, comportamentais e de personalidade (OUROFINO, 2005), tais como, AH/SD e síndrome de Asperger<sup>1</sup>, AH/SD e dificuldades de aprendizagem, AH/SD e dislexia, entre outros. Dentre esses transtornos relacionados às AH/SD, este trabalho dará destaque ao TDAH, que neste momento é o foco de discussão e aprofundamento.

Mesmo que vários pesquisadores desta área utilizem o termo traduzido da língua inglesa dupla excepcionalidade, para designar características de AH/SD e TDAH, para este trabalho utiliza-se o termo AH/SD associada ao TDAH, pois se acredita que existem características peculiares de cada uma destas especificidades, assim como características específicas quando estas estão associadas. Além disso, nas discussões atuais da área da Educação Especial não se recomenda mais o uso do termo “excepcionalidade” para se referir a este público da educação.

O que as pesquisas na área das AH/SD têm demonstrado é que atualmente os estudiosos estão preocupados em identificar e reconhecer populações especiais entre sujeitos com AH/SD, tais como os com TDAH (OUROFINO, 2005). No entanto, essa é uma realidade ainda pouco conhecida, entre pais, educadores, pesquisadores e profissionais da área médica e psicológica. Em geral, os estudos sobre AH/SD e TDAH ainda aparecem afastados, ou seja, são poucos materiais que apresentam o entrelaçamento dessas duas especificidades. Segundo Ourofino, (2005):

No Brasil, a preocupação com essa temática começa a ganhar espaço principalmente nos meios que discutem as questões e serviços voltados para a educação especial e superdotação. No entanto, não foram encontrados estudos nacionais específicos sobre a associação dessas duas condições. (OUROFINO, 2005, p. 21).

---

<sup>1</sup> Síndrome que apresenta desordem do desenvolvimento, caracterizada por dificuldades no relacionamento social e comportamento repetitivo.

Uma vez que existe a dificuldade em diferenciar as características de AH/SD e TDAH e reconhecer a coexistência dessas duas, pode haver maior confusão e facilmente conduzir a uma identificação imprecisa. Assim, a identificação de alunos que apresentam AH/SD associada ao TDAH, é muito mais complexa, pois:

Os erros de diagnósticos existentes na área se devem principalmente à presença de características de superdotação já reconhecidas, erroneamente interpretadas como sintomas de TDAH, e também à ocorrência de desordens de atenção entre superdotados, avaliadas equivocadamente como características típicas de superdotação. (OUROFINO, 2005, p. 21).

Por esses motivos torna-se cada vez mais evidente a necessidade de pesquisas nesta área, tanto para buscar compreender melhor estas características associadas das AH/SD e TDAH como também justamente para investigar as práticas pedagógicas com estes alunos que se diferenciam significativamente no contexto escolar. Desse modo, pensar em práticas que venham a subsidiar e apoiar este aluno em um contexto inclusivo, de modo que se sinta pertencente a um grupo e não excluído dele.

Neste viés, o presente artigo apresenta uma pesquisa acadêmica realizada como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria – Rio Grande do Sul.

Esta pesquisa foi desenvolvida no primeiro semestre de 2011 e teve como objetivo geral problematizar questões referentes às práticas educacionais direcionadas para um sujeito com características de AH/SD associadas ao TDAH em seus contextos de aprendizagem. Deste objetivo geral, ramificam-se os objetivos específicos: realizar um levantamento dos conceitos e características das AH/SD associadas ao TDAH; analisar a relação entre as características das AH/SD associadas ao TDAH com as que o sujeito da pesquisa manifesta em seus contextos de aprendizagem e verificar por meio de entrevistas semiestruturadas como e de que maneira acontecem essas práticas educativas.

Logo, este artigo objetiva tecer reflexões a partir de um dos núcleos da análise dos dados, na qual se buscou realizar um levantamento das práticas educacionais direcionadas a um sujeito com AH/SD associada ao TDAH.

### **Caminhos Metodológicos**

Essa investigação segue os preceitos metodológicos da abordagem qualitativa. Conforme Minayo (2009) a pesquisa qualitativa se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o

universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Nas palavras de Minayo:

O conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade, é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (2009, p.21).

Além dessa pesquisa delimitar-se como qualitativa, caracteriza-se ainda como um estudo de caso, pois esta pretende aprofundar o estudo de uma realidade específica, no caso as características individuais de um sujeito com AH/SD associada ao TDAH. Segundo Yin (2005), os estudos de caso representam a estratégia preferida quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Assim, no ano da realização do estudo o sujeito da pesquisa tinha oito anos de idade e estudava no 3º ano de uma escola particular do município de Santa Maria/RS.

Elenca-se como instrumento para a coleta de dados a entrevista semiestruturada. A entrevista semiestruturada combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada (MINAYO, 2009). O procedimento de análise parte dos preceitos da análise de conteúdo e como técnica utiliza-se a análise temática. Neste tipo de análise, como o próprio nome já indica, o conceito central é o tema. Para Minayo (2009), esta comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentado através de uma palavra, uma frase, um resumo.

Diante disso, os núcleos de sentido que compuseram a análise temática foram: concepções e individualidade do sujeito com AH/SD associada ao TDAH, e práticas educacionais. Salienta-se que esse artigo aborda apenas a análise deste segundo núcleo.

Na perspectiva de abordar os contextos de aprendizagem do sujeito da pesquisa, foram realizadas entrevistas com a professora do aluno, contemplando as informações sobre o ambiente escolar; com um familiar, representando o ambiente familiar; e com uma professora do projeto de pesquisa PIT (Programa de Incentivo ao Talento<sup>2</sup>), para investigar as aprendizagens em um ambiente extracurricular. Assim, denomina-se o sujeito da pesquisa

---

<sup>2</sup> Projeto de extensão desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Educação Especial: Interação e Inclusão Social – GPESP no município de Santa Maria/RS, que busca implementar um programa de enriquecimento escolar destinados a alunos com características de altas habilidades/superdotação a fim de ampliar, aprofundar e enriquecer o conteúdo curricular.

como “Cometa”, e respectivamente os outros participantes da pesquisa como, a professora da escola, mãe e professora do PIT.

### **Traçando Algumas Considerações**

Assim, a partir da análise das respostas, pode-se perceber que a professora da escola destaca questões comportamentais do Cometa no ambiente escolar, que partem do grupo da hiperatividade, como por exemplo, não parar sentado por muito tempo, ser muito agitado, falar demais e ter dificuldade de esperar a vez (ROHDE; BENCZIK, 1999). Dessa forma, segundo a professora da escola “não preciso me preocupar com a aprendizagem dele, dificuldade é mediar o social”.

Os resultados mais recentes de pesquisas mostram que as intervenções realizadas com esses sujeitos devem focar primeiramente as potencialidades ao invés de remediar as características do transtorno (OUROFINO, 2005).

A professora da escola, em suas falas, cita muitas vezes que: “ele não consegue se controlar, ele não consegue sentar na cadeira e ficar quietinho igual o colega do lado”.

Geralmente, os alunos com TDAH não se adéquam ao padrão pedagógico tradicional das escolas, é comum reagirem negativamente, tornando-se inadequados. Nesta perspectiva, Benczik e Bromberg (2003) afirmam que o mecanismo do sistema educacional tem tradicionalmente concentrado os mesmos objetivos para todos os alunos, e o ponto de referência é o aluno padrão. Assim:

Tal posicionamento levou a uma situação caracterizada pela homogeneização e inflexibilidade no ensino, a uma avaliação do tipo normativo, em função dos objetivos iguais para todos e finalmente, a uma organização das atividades de ensino-aprendizagem nas quais todos têm que fazer o mesmo ao mesmo tempo (ROHDE; MATTOS, 2003, p. 200).

A professora do PIT, igualmente menciona essas características hiperativas do Cometa, porém apresenta uma proposta pedagógica e concepções de ensino diferenciadas:

“Como cada um tem uma característica muito peculiar, o Cometa por exemplo, ele é um aluno que tem uma necessidade de que essas atividades não tenham um formato padrão muito semelhante o da escola, que exigem que os alunos estejam a maior parte do tempo sentados, em fila, uma organização que é própria da maioria das escolas, e como essas atividades elas fogem muito do padrão, as vezes estamos sentados, as vezes estamos em pé, as vezes estamos em círculo, as vezes estamos fora, apesar de acontecer o projeto em uma escola nós ocupamos bastante espaços diferentes da escola” (professora do PIT).

Diante disso, percebe-se que são fatores, como por exemplo, o olhar do profissional para com os seus alunos, suas concepções de educação, seus posicionamentos perante o trabalho pedagógico, o contexto social e os valores que produzimos historicamente sobre a educação, que determinarão a intencionalidade das ações do professor. Assim, **acredito** que pensar em uma concepção de educação para os alunos com características de AH/SD associadas ao TDAH requer um olhar diferenciado diante o fazer pedagógico com estes.

Outra questão mencionada pela professora da escola é que em momentos ociosos em sala de aula, o Cometa acaba por estar circulando na sala e conversando com os colegas:

“Às vezes eu brigo com ele para ele copiar até é uma maneira dele se acalmar, porque às vezes ele tá muito agitado, vamos lá copia, pra tentar entreter ele para não ficar tão envolvido com o colega, porque o que acontece o Cometa não copiando ele fica com tempo ocioso, nesse tempo ocioso ele acaba o que, ele vai lá no fundo da sala e conversa com o fulano, vai lá no outro lado da sala e conversa com o outro fulano” (professora da escola).

Esses momentos também são citados pela professora do PIT, pois “geralmente ele é um dos primeiros a terminar a atividade”. Ela acredita ser importante para o Cometa conversar e vivenciar trocas com os colegas:

“Ele tem a necessidade de estar se envolvendo com as outras coisas e isso exige do profissional também pensar em como ele vai contemplar essa questão, sem que ele atrapalhe os colegas, então ele acaba nos auxiliando muitas vezes porque ele encontra nesse espaço a oportunidade de ser ele mesmo, se ele está com vontade de levantar da cadeira e ir conversar com o colega ele tem essa oportunidade, ele consegue vivenciar isso no projeto e ter essas trocas, ele não precisa estar sempre condicionado, acabou ficar esperando, ou estar em um tempo ocioso, ele pode estar vivenciando outras coisas”.

Nesse sentido, um aspecto relevante está relacionado ao perfil do professor que atua com esses sujeitos. Pois, conforme Ourofino (2005) esses alunos são muito sensíveis à personalidade do professor. Portanto, além do professor conhecer ambas as características, também deverá promover um ambiente tranquilo e estimulante para que o aluno se sinta aceito e seguro.

Nesse sentido, a mãe do Cometa argumenta que “se tem uma criança, por exemplo, que não tem uma perna, que tu enxerga em uma cadeira de rodas todo mundo tem pena daquela criança e tenta ajudar, agora se é uma criança que também tem uma necessidade porque isso tá lá no CID aquele lá da medicina essa hiperatividade/déficit de atenção, isso tá lá registrado, só que se tu não enxerga, daí parece ah é mal educado, não tem modos, daí

ninguém tem pena e tem raiva daquela criança e esse é o problema do Cometa que ninguém compreende ele e nem tenta”.

Como já mencionei, referente ao trabalho direcionado ao Cometa, a professora da escola referencia como aspectos dificultadores o seu comportamento em sala de aula e como facilitador a sua aprendizagem. Em contrapartida, a professora do PIT responde que nos dois aspectos são a questão da aprendizagem.

- Dificultador: “eu acho, como esse alto nível de criatividade, esse grande conhecimento que ele busca, então às vezes pensar um planejamento que contemple a toda essa atividade que ele tem, essa ânsia por aprender, por estar buscando novos conhecimentos, exige dos professores né, uma criatividade muito grande também, porque será que esse planejamento vai conseguir contemplar mesmo”;
- Facilitador: “eu acredito que o Cometa é um dos alunos que mais nos auxilia no desenvolvimento das atividades, por esse grande conhecimento que ele tem, ele nos surpreende até com o que ele nos traz, coisas que nós muitas vezes não sabemos, então nós tentamos repassar, *“Cometa conta isso para os seus colegas, traz a tua experiência”*, e isso qualifica muito as nossas atividades, então eu acho que o Cometa é um agente qualificador das atividades no projeto”.

Outro aspecto citado pela professora da escola e também pela mãe é em relação à dificuldade que o Cometa tem em sistematizar seu conhecimento através de uma produção escrita.

No contexto do projeto, a professora do PIT também apresenta essa dificuldade do Cometa, porém a partir de um olhar diferenciado. Foi por ela referido que:

“Trabalhos de forma transdisciplinares trazendo diferentes áreas do conhecimento sendo contempladas em uma mesma atividade, isso geralmente é de bastante interesse do Cometa porque ele não gosta muito de escrever especialmente, então quando se tem uma atividade por exemplo, essa do animal, que trouxe conhecimentos que ele pudesse combinar de ciências, história, geografia, localização, onde vive esse animal, ele teve interesse em desenvolver a escrita que geralmente pelos relatos dele, ele não tem muito, e é uma prática cultural muito cobrada na nossa sociedade”.

A respeito das atividades direcionadas para os alunos com AH/SD associada ao TDAH, Alencar (2007) afirma que quanto mais desafiadoras, maior o interesse e dedicação desses alunos na sua concretização. O ambiente também deve ser estimulante, pois a

tendência do aluno com AH/SD associada ao TDAH é considerar as atividades escolares tediosas.

Ourofino (2005) enfatiza que as intervenções recomendadas para crianças com TDAH não são adequadas às crianças com AH/SD associada ao TDAH. Segundo ela no caso de TDAH é indicado à diminuição do tempo e na complexidade das tarefas, bem como a presença de poucos estímulos no ambiente da sala de aula para não desviar a atenção da criança. Sendo assim, para os alunos com AH/SD associada ao TDAH esse procedimento é inapropriado, pois esses alunos necessitam de maior tempo para concluir suas atividades e investem esse tempo na qualidade da realização das mesmas (OUROFINO, 2005).

Quando analisada a questão do ambiente educacional inclusivo, nota-se que a professora da escola acredita que o Cometa não necessita deste ambiente, porém apresenta em sua fala algumas contradições. Ela coloca que:

“A criança que é diferente ela precisa de um acompanhamento para que ela possa, que ela não perca o interesse pela educação, pela aprendizagem, porque como eles tem digamos um raciocínio diferente, um jeito diferente de se aprender, como a gente ainda vive um padrão tradicional de educação, que é difícil, que ainda é uma coisa tradicional, então muitas vezes isso não chama a atenção deles”.

A partir dessa concepção, ela diz que “no caso do Cometa não é um caso que precise de um acompanhamento, porque ele consegue aprender sozinho, ele consegue entender as coisas sozinho, ele não precisa de um atendimento direcionado pra ele, entendeu, ele consegue se socializar, ele consegue expressar em público o que ele quer”.

Porém, encontra-se na fala da professora que “o Cometa, ele tem muita, por exemplo, cópia pra ele é desnecessária, mas no sistema tradicional de educação o que acontece, é exigido, respostas completas, coisas que são exigidas pela sociedade, pelos pais dos outros alunos, então tudo isso tem que ser mediado”.

Com isso, destaca-se que a professora tem um conceito de ambiente educacional inclusivo, mas que não consegue identificar essas necessidades no caso do Cometa. Ela refere-se que as crianças que necessitam de um ambiente inclusivo são aquelas que “tem um raciocínio diferente, um jeito diferente de se aprender” e descreve que para o Cometa “a cópia é desnecessária”. Nesse sentido, observo que não copiar seria um jeito diferente de aprender e conforme o conceito de ambiente educacional inclusivo que a professora acredita, essas individualidades deveriam ser contempladas.

Já no entendimento da mãe e da professora do PIT, o Cometa necessita de um ambiente educacional inclusivo. A mãe acha que o Cometa “é uma criança diferente das

outras”, segundo ela “ele precisa de certas coisas que os outros não precisam”. Na resposta para esse questionamento, a mãe comenta que fica feliz que o professor de Karatê inclui o Cometa como um aluno com necessidades especiais, “porque o professor vê ele assim, o professor vê que ele precisa de uma coisa diferente e faz isso, por isso lá dá resultado” (mãe).

Conforme a professora do PIT:

“Com certeza o Cometa necessita de um ambiente educacional inclusivo, porque como que se pensa a inclusão, ela é para todos e para esses alunos que apresentam características diferenciadas, que demandam necessidades educacionais especiais, ele precisa de outras metodologias e adaptações que contemplem as suas necessidades, então esse ambiente inclusivo vai promover essas oportunidades e experiências que contemplem, por exemplo, o seu grande envolvimento com a tarefa”.

Nesse sentido, Ourofino (2005) ressalta que a educação inclusiva deverá subsidiar a educação de alunos com AH/SD e principalmente os com AH/SD associada ao TDAH. Conforme a autora, isso pressupõe uma postura inclusiva do professor que valorize as diversidades advindas das diferenças na sala de aula e a disposição permanente de ampliar seus conhecimentos.

Essa discussão nos remete a outras questões bem amplas relacionadas à formação inicial e continuada dos professores. No momento, vale ressaltar que, conforme Ourofino (2005), a formação de professores da educação especial deve oferecer um diferencial, para que esses profissionais orientem pais e professores da escola a desenvolverem expectativas positivas em relação aos alunos com necessidades educacionais especiais. Ressalvo que, conforme a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) os alunos com altas habilidades/superdotação são público alvo da Educação Especial e necessitam de um atendimento educacional especializado.

Contemplando a temática do acompanhamento pedagógico, encontra-se na fala da mãe essa preocupação em pensar em um atendimento mais individualizado para o Cometa. Assim, a mãe afirma que:

“O que eu acho em relação às características do Cometa que se ele tivesse um atendimento próprio para esse jeito dele que ele é, um atendimento não só da escola meu mesmo, porque eu também não sei lidar com ele como ele precisa, eu acho que daí ele ia conseguir dá mais resultado sabe, porque em outras coisas que não envolve a questão da escrita, a questão de relacionamento com os outros, essas coisas que é o que ele precisa por exemplo na música que é ele com o instrumento não precisa escrever nada, não precisa agradar ninguém ele sempre se sai bem sabe, o que eu acho é isso, se ele tivesse um atendimento por exemplo digamos que aqui em Santa Maria tivesse uma escola boa pra ele ou que ele tivesse um atendimento nesse sentido ele ia conseguir superar isso”.

Nesse sentido, na fala da Professora do PIT, observa-se que o projeto tem a preocupação em proporcionar um ambiente diferenciado e que contemple as individualidades do Cometa. Segundo ela, essa proposta se torna mais tangível a partir de um olhar diferenciado sobre esse aluno e com a participação de outros profissionais em um trabalho conjunto.

“Então é isso, promover um espaço educacional inclusivo, e isso é bastante propício no ambiente do projeto porque tem muitos educadores especiais trabalhando, que tem uma formação diferenciada para se ter um olhar diferenciado sobre o aluno, mas não impede que outros profissionais da educação estejam em contato conosco, eu falo enquanto quase educadora especial, para troca de informações e pensar como que se pode melhorar essas metodologias de trabalho para qualificar o ensino não só para o Cometa, mas sim para todos os alunos, pensando nele especificamente agora pelas suas características bem diferenciadas, mas isso provavelmente terá reflexo nas práticas pedagógicas com qualidade para os demais” (professora do PIT).

De acordo com Ourofino (2007), nesta perspectiva de educação inclusiva, o psicólogo escolar juntamente com os professores e a equipe escolar deverão:

Implementar alternativas metodológicas e condições de operacionalização dos sistemas integrantes da educação destes sujeitos (família, escola, atendimentos extra-escolares), criar mecanismos que encorajem o aperfeiçoamento profissional dos professores e adotar uma postura investigativa que demande reflexão, flexibilidade e atuação e atuação contínua (p.62).

Portanto, é função desses profissionais envolvidos com a educação fomentar um debate em torno do paradigma da inclusão, criando programas de orientação que permitam aos alunos e aos professores compreender e saber lidar com essas características e desenvolver seus talentos (OUROFINO, 2007).

Em termos de avaliação, a professora da escola apresenta uma flexibilização, porém ainda carrega concepções tradicionalistas, em função de que a avaliação necessita ser igual para todos:

Por exemplo, se uma outra mãe da minha turma pegar a avaliação do Cometa e comparar com a avaliação do filho dela que faz respostas completas, enfim, eu provavelmente teria problemas porque eu seria muito questionada, eu tento ser flexível com ele, mas as vezes né por toda a situação, por todo o convívio ali, as vezes não tem chega um ponto assim não dá pra abrir tanto também” (professora escola).

A mãe argumenta que o Cometa sabe todo o conteúdo proposto pelo programa da escola, contudo “ele não gosta assim ó, de ter que escrever um texto, de ter que escrever aquilo que leu, de ter que responder as perguntas com resposta completa, letra maiúscula no início de frase, sabe uma história matemática ele gosta de tentar fazer sem calcular, aí acaba parecendo que é ele, por exemplo, um baixo realizador porque lá na prova ela já desconta três ou quatro pontos daquela questão sendo que tá certa, mas desconta um monte porque não tá completa, porque faltou uma coisa”.

Sendo assim, Ourofino (2005) destaca que é preciso que o profissional que trabalha com esses alunos, dedique tempo para investigar quais atividades e situações de sala de aula são mais propícias a esses alunos.

Referente à medicação, conforme o relato da mãe, o Cometa faz uso da “Ritalina” desde que tinha cinco anos. A mãe considera que no ambiente familiar não tem necessidade do Cometa fazer uso do medicamento, pois “nas férias, nem nos finais de semana, nunca, nem de manhã quando ele faz tema, eu acho que não precisa, porque eu peço pra ele fazer e ele faz”.

Conforme Rohde e Benczik (1999) alguns médicos com bastante experiência no tratamento com o transtorno sugerem que as crianças e adolescentes que apresentam prejuízos significativos dos sintomas na escola e mínima interferência em casa podem usar a medicação apenas de segunda a sexta-feira.

Assim, como o Cometa só faz o uso do medicamento no horário da escola, a mãe parte das considerações das professoras: “as professoras dizem é que tem uma diferença bem grande quando ele usa o medicamento e quando ele não usa, todas falam, não é só a professora atual, todas as professoras falam”.

Para a professora da escola, o uso do medicamento não interfere na aprendizagem do Cometa, e sim em seu comportamento. Como referencia a professora da escola:

“No Cometa não faz diferença em termos de aprendizagem porque ele tem altas habilidades, então a diferença é mais em termos de concentração e em termos de sociabilização, porque ele se acalma, ele mais sociável, entendeu, ele consegue ouvir um colega, ele consegue não bater boca, ele consegue sentar para fazer as coisas, então não tem aquela, Cometa senta, Cometa sai da frente, Cometa para quieto, não tem essas coisas quando ele está medicado, então acaba que os colegas acabam se aproximando mais dele. Em outros casos já que tem a medicação eu vejo diferença na aprendizagem, eles conseguem se acalmar e aprender a informação e segurar ela consigo, eles conseguem realmente aprender”.

Diante disso, Moon (2002, apud OUROFINO, 2005, p. 119) a intervenção baseada no uso de medicamento para inibir comportamentos de TDAH deve ser questionada em casos de

AH/SD associada ao TDAH. Contudo, acredita-se que a indicação de uso ou não de medicação, bem como do tipo a ser utilizada, é responsabilidade dos profissionais especializados que acompanham gradativamente a criança.

No que se refere aos planejamentos do PIT, a professora afirma que não existe uma metodologia diferenciada direcionada ao Cometa, e sim pequenas adaptações conforme as especificidades que o aluno apresenta:

“Os planejamentos eles são os mesmos para o grupo que ele participa, mas sim pequenas adaptações no decorrer das atividades, porque geralmente o Cometa apresenta respostas inesperadas, às vezes ele se envolve mais com uma tarefa e às vezes outras ele responde muito rápido, então é em cada momento das atividades, a cada sábado se necessita de pequenas adaptações, e também quanto à metodologia é pensar nessas questões dos padrões que são tão colocados na educação e que não são aplicáveis quanto ao aluno Cometa, e entender que muitas das atitudes dele não são porque ele é mal criado, que muitas pessoas falam pelos relatos da família, mas sim porque é algo da característica dele, que muitas vezes ele tem essa necessidade de estar caminhando e vivenciando outras coisas”.

No contexto escolar a professora se refere a essa questão como ainda ser um desafio e não tem claro ainda uma resposta para esse questionamento:

“É um período muito curto para eu te dizer se precisa de algo diferente ou coisa assim, agora pro segundo semestre eu vou ter que ver, vou ter que pensar em alguma coisa porque eu tenho mais cinco meses com ele, entendeu”.

Nessa perspectiva Ourofino (2005) aponta que para a escola será um grande desafio se organizar para atender adequadamente o aluno com AH/SD associada ao TDAH, pois esse exige um nível apropriado de desafio intelectual e necessitam de apoio para desenvolverem sua maturidade social e emocional.

A flexibilização curricular está presente em algumas falas da professora da escola, como por exemplo, “A cópia pra ele é desnecessária, mas no sistema tradicional de educação o que acontece, é exigido, respostas completas, coisas que são exigidas pela sociedade, pelos pais dos outros alunos, então tudo isso tem que ser mediado, eu conversei muito com a mãe dele e ela me garantiu que o processo de cópia do quadro não vai atrapalhar”.

Portanto, a possibilidade de flexibilidade na implementação de currículos, com processos de avaliação diferenciados e estratégias individualizadas, prima por uma educação que considera as diferenças individuais. Porém, conforme Benzlik e Bromberg (2003) na maioria das vezes a prática tem demonstrado que o sistema educacional ainda está bastante estratificado, e os professores encontram dificuldades, para fazer as adaptações que se fazem necessárias.

## **Considerações Finais**

O desenvolvimento deste trabalho permitiu que fossem problematizadas, dentro de três contextos de aprendizagem, questões referentes às práticas educacionais direcionadas para um sujeito com AH/SD associada ao TDAH. Evidenciou-se que algumas concepções das participantes da pesquisa se assemelham, principalmente em relação às características apresentadas pelo Cometa, as quais foram corroboradas pelas professoras e pela mãe.

Outra questão relevante, é que através das falas identificou-se que a professora da escola demonstra maior preocupação em relação ao comportamento do Cometa, conforme as características do transtorno. A professora do PIT evidenciou uma preocupação maior em relação ao desafio de incentivar e buscar novos conhecimentos que contemplem a ânsia por aprender demonstrados pelo Cometa, considerando-se as características das altas habilidades/superdotação.

Diante disso, conclui-se que os diferentes olhares direcionados ao Cometa, distinguem-se conforme um conjunto de concepções que cada um acredita. Nesse sentido, recomenda-se que as vivências com esses sujeitos, bem como o trabalho pedagógico devem considerar as particularidades e as diferenças individuais dos mesmos.

Observou-se que as professoras, bem como a mãe, acreditam que compreender o Cometa e identificar o que será melhor para o seu desenvolvimento, ainda é um desafio. Segundo Ourofino (2007) os profissionais envolvidos com essa temática, principalmente os professores e as famílias, devem estar conscientes dos desafios que terão que lidarem com essa contradição. Em que características distintas são encontradas em um mesmo sujeito.

Também se tem como resultado que as intervenções e o apoio especializado ao sujeito com AH/SD associado ao TDAH, devem ser distintos daqueles oferecidos ao aluno com apenas AH/SD ou apenas com o transtorno.

Conforme Ourofino (2005) muitos alunos com AH/SD associado ao TDAH estão fora dos programas de enriquecimento, por não conseguirem uma produção compatível com as expectativas e exigências desses programas. Outra preocupação da autora é que esses alunos são mais suscetíveis ao desajustamento social e fracasso escolar.

Diante disso, a escola inclusiva, a implementação de práticas de flexibilização e profissionais especializados ou que estejam dispostos a aprender, serão a resposta para estas situações.

Por fim, espera-se que esta investigação possa disponibilizar aos profissionais da educação e para as famílias informações para melhor identificar, planejar, construir estratégias

e minimizar a dicotomia diante das singularidades dos sujeitos com AH/SD associada ao TDAH. E para que este estudo desperte outras indagações para futuras pesquisas, dentro desse tema tão relevante e complexo.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. de. O papel da escola na estimulação do talento criativo. In: ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. (org.). **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades:** orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007. p.163-188.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Especial, 2008.

BENCZIK, E. B. P. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade:** atualização diagnóstica e terapêutica: um guia de orientação para profissionais. São Paulo: Casa do psicólogo, 2000.

BENCZIK, E. B. P.; BROMBERG, M. C. Intervenções na escola. In: ROHDE, L. A. et al. **Princípios e práticas em TDAH.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

GUIMARÃES, Tânia Gonzaga; OUROFINO, Vanessa Terezinha Alves Tentes. Estratégias de identificação do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza. (org.). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação:** volume 1: orientação a professores. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p. 53 – 65.

MINAYO, C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. – 4. ed. – São Paulo: HUCITEC, 1992.

MINAYO, C. de S. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. - 28. ed. - Petrópolis: Vozes, 2009.

OUROFINO, Vanessa Teresinha Alves Tentes de. **Características cognitivas e afetivas entre alunos superdotados, hiperativos e superdotados/hiperativos:** um estudo comparativo. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

OUROFINO, V. T. A. Altas habilidades e hiperatividade: a dupla excepcionalidade. In: ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. (org.). **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades:** orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 51-66.

PEREIRA, V. L. P.; GUIMARÃES, T. Programas educacionais para alunos com altas habilidades. In: ALENCAR, E. M. L. S. de.; FLEITH, D. S. (org.). **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades:** orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007. p.163-188.

ROHDE, L. A. P.; BENCZIK, E. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: O que é? Como ajudar?**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SILVA, A. B. B. **Mentes inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas**. São Paulo: Gente, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. - 3. ed – Porto Alegre: Bookman, 2005.